

ECONOMIA - BRASIL

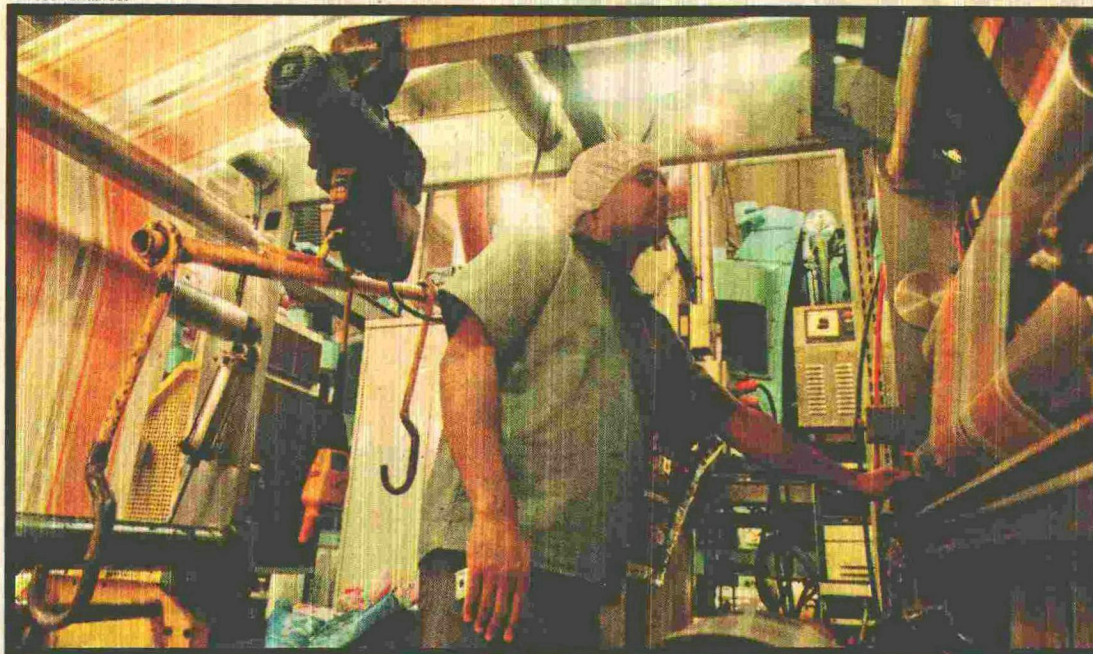
CRESCIMENTO

Empresários dizem que a economia do país está travada porque o Banco Central insiste em manter a taxa de juros nas alturas. IBGE aponta queda na produção de mercadorias e serviços

Pressão contra o BC

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

Marcos Fernandes



FÁBRICA DA CONVERPLAST, EM GUARULHOS: À ESPERA DE DIAS MELHORES PARA AMPLIAR PRODUÇÃO DE EMBALAGENS

São Paulo — O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) comprovou nesta semana o que boa parte da população vem sentindo há alguns meses: o país está com problemas para crescer. A produção nacional de mercadorias e serviços caiu 0,73% no primeiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período de 2001, época em que a economia não estava tão travada quanto agora. E cresceu apenas 1,34% em relação ao último trimestre do ano passado.

Para muitos empresários, a economia emperrou porque o Banco Central (BC) está sendo teimoso demais em manter os juros altos. A economia na marcha lenta tende a agravar o desemprego, o que, para eles, só vai prejudicar José Serra (PSDB), candidato do governo ao Palácio do Planalto.

“O presidente Fernando Henrique deveria chamar o presidente do BC, Armínio Fraga, e dizer para ele: olha, com essas taxas altas demais, o Serra só vai perder votos”, afirma um importante industrial paulista. “O exagero do BC está ajudando a oposição a chegar ao poder.”

Na última segunda-feira, um levantamento do Instituto Sensus apontou que Serra foi o único dos principais candidatos que perdeu intenções de voto entre abril e maio. No período, o senador tucano caiu de 16,1% para 13,3%, resultado que o deixou na terceira posição, atrás de Anthony Garotinho (PSB). O ex-governador do Rio de Janeiro subiu de 15,2% para 16,5%. Luiz Inácio Lula da Silva

(PT) pulou de 37,9% para 40,1%.

INVESTIMENTOS PARADOS

O fraco consumo da população esfria a economia, o que leva os empresários a adiarem investimentos. “Ninguém vai expandir fábricas se boa parte da linha de produção está parada”, afirma Mário Bernardini, diretor de competitividade da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp),

O pífio nível de atividade é sentido nas indústrias de diversos setores. A Converplast, por exemplo — uma fabricante média de embalagens para alimentos, como biscoitos recheados, macarrão instantâneo e chocolates —, adiou para agosto o início do terceiro turno de produção. A em-

presa, que vende material de embalagens para grandes companhias, como a Nestlé, deveria estar operando plenamente desde o começo de maio.

Na fábrica da empresa, em Guarulhos, na grande São Paulo — uma cidade industrial com muitos galpões desativados — é fácil notar que boa parte das máquinas está longe de operar a plena carga. Algumas delas estavam paradas na semana passada. A produção está hoje próxima a 70% da capacidade instalada da empresa, quando o ideal é beirar os 90%.

Em janeiro, a direção da companhia estimava que em 2002 a empresa aumentaria em 6% o faturamento de R\$ 86 milhões apurado em 2001. “Sou otimista. Acredito que há chances para re-

cuperação no segundo semestre”, afirma o presidente, Victório Murer. Mas como o ritmo da economia foi fraco do início do ano até maio, ele acredita que a expansão ficará, no máximo, em 5%.

Ainda assim, mesmo esse nível mais modesto só poderá ser alcançado se o Banco Central diminuir os juros com rapidez. Em janeiro, o BC definiu que seguiria em 2002 uma estratégia conservadora para a redução dos juros. O governo só começaria a baixá-los quando tivesse certeza de que a inflação estava sob controle.

EFEITO SERRA

O s juros não estão caindo, segundo o Banco Central, porque o custo de vida continua elevado. Entre abril de

2001 e o mesmo mês deste ano, a taxa ficou em 7,8%, acima dos 5,5% que o governo admite como teto para todo o ano de 2002. Como a inflação está demorando a cair, muitos analistas acreditam que o BC só começará a diminuir os juros a partir de julho.

Essa postura cautelosa do Banco Central, contudo, está provocando muitas pressões de políticos e empresários para que o governo derrube as taxas. “Se o BC baixá-las nos próximos três meses, dos atuais 18,5% para 16,5% ao ano, é possível que a economia volte a reagir e feche 2002 com 2% de crescimento”, afirma Mário Bernardini.

Para os empresários, o fraco desempenho da economia só agrava suas preocupações com o desempenho de José Serra nas pesquisas eleitorais. Tais apreensões surgiram há pouco mais de um mês. No dia 29 de abril, grande parte dos principais industriais e banqueiros do país participou em São Paulo de um jantar de apoio à candidatura tucana. Embora estivesse falando para um público amigo num hotel cinco estrelas, o senador não empolgou a grande maioria dos convidados.

“A campanha está demorando a reagir. E a economia em compasso de espera não ajuda o Serra, que está parado perto dos 15% dos votos, enquanto Lula já chegou aos 40%”, avalia um industrial. Para ele, o crescimento frágil do país só prejudica a decolagem do senador. “Se o nível de atividade não se recuperar até agosto, a candidatura dele ficará inviável”, diz outro empresário que esteve no refinado jantar, cujo convite individual custou R\$ 2,5 mil.